



Mercedes Reis Pequeno: Reminiscências sobre Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, Carleton Sprague Smith, Charles Seeger e outros

*Henrique Drach**

No transcurso da elaboração de minha tese de doutorado intitulada “A rabeça de José Gerônimo: Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, música, folclore e Academia na primeira metade do século XX”, realizada no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense e defendida em 2011, tive oportunidade de pesquisar nos arquivos do Centro de Pesquisas Folclóricas, fundado por Luiz Heitor em 1943. Sediado na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro e atualmente denominado “Laboratório de Etnomusicologia” guarda grande parte do acervo de Luiz Heitor. Deparei-me com uma foto de Mercedes Reis Pequeno, na primeira classe de Folclore Nacional (1943), ministrada por nosso professor. Mercedes cursou a então denominada Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, onde se diplomou em 1937 e colaborou com a Revista Brasileira de Música, de 1940 a 1941. Juntamente com Luiz Heitor e Cleofe Person de Matos, em 1952, publicou a *Bibliografia Musical Brasileira (1820-1950)*. Ainda em 1952, publicou *A Música Militar no Brasil*, além de outros artigos em revistas especializadas e manteve uma duradoura relação de amizade com Luiz Heitor. E foi em busca dessas lembranças, que em 28 de julho de 2007 fui recebido em sua residência para realizar a entrevista que se segue.

Henrique Drach: Obrigado por me receber. Venho entrevistá-la para um depoimento pessoal sobre Luiz Heitor.

Mercedes Reis Pequeno: Eu compreendo. Eu fiquei surpresa de Maria Cecília e Violeta indicarem a mim. É verdade que eu tive um convívio, fui aluna dele, mas tem membros da família... uma sobrinha Marina muito chegada a ele, mas em todo caso...

* Orquestra Sinfônica Nacional, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: henriquecello@hotmail.com.



HD: Foi Manoel Aranha Corrêa do Lago que me recomendou a senhora...

MRP: Ah, O Manoel. Eu não poderia me negar no referente ao Luiz Heitor, que é uma pessoa muito querida.

HD: Maria Cecília que me deu [mostrando uma fotografia do Luiz Heitor com algo em torno de 80 anos, sentado no sofá, de sua residência onde fui encontrá-la, em Paris].

MRP: Que bom retrato dele!...

HD: É lá no apartamento mesmo.

MRP: Na casa de Maria Cecília?

HD: É, lá mesmo, só que este abajur de abacaxi não está mais lá.

MRP: Ele está mais velhinho...

HD: Acho que está com mais de 80 anos.

MRP: Eu tenho um que ele me mandou de Colônia, mas este aqui, ele está mais velhinho. Que bom retrato!

HD: Eu trouxe outras fotografias também. Esta aqui ela tinha duplicata e me deu, outras eu fotografei [reproduzindo]; ele cumprimentando o Papa, ele em cima de um camelo...

MRP: Eu tenho essa...

HD: Ah, tem?

MRP: Que ele me mandou lá do Egito, mas está muito bom o retrato, um riso bem dele... é uma pessoa fora de série, eu tenho as melhores lembranças dele porque... foi um convívio assim...foi um convívio...primeiro de aluna, porque...

HD: No Centro de Pesquisas Folclóricas da Escola de Música?

MRP: É, ele fez concurso...

HD: Foi em 1939, não foi?

MRP: É, foi em [19]39... Ele fez concurso e eu tinha acabado de sair da Escola de Música [da UFRJ], de modo que assisti à defesa de tese dele e me interessei pela matéria, que naquela ocasião chamava-se folclore.

HD: Folclore Nacional, não era?

MRP: Agora é Etnomusicologia, ninguém mais fala em folclore... passou de moda... agora é música primitiva, etnomusicologia, mas a gente dança conforme a música... no fundo a essência é a mesma.

HD: É, mas tem gente trabalhando ainda...

MRP: Naturalmente, o que o Luiz Heitor dispunha naquela época de recursos... nem se compara ao que se dispõe agora, os jovens, não é? Eu me lembro que as pesquisas dele, a tese dele... você conhece a tese dele, não é?



HD: Sim... sobre música indígena.

MRP: Foi ainda uma coisa, digamos, de quem está engatinhando no assunto... mas a defesa de tese foi muito brilhante!

HD: É verdade que Mário de Andrade estava na banca?

MRP: Mário de Andrade, Andrade Muricy, Renato Almeida, Brasília Itiberê... e se tinha mais alguém, eu não me lembro, mas eu era muito nova. Foram pessoas que eu conheci no mesmo dia e eram altas personalidades, de modo que foi assim um momento decisivo; e eu me interessei tanto pela matéria! Foi na Escola de Música, no auditório mesmo, no salão.

HD: No Leopoldo Miguez?

MRP: É, Leopoldo Miguez... foi um negócio imponente... e eu fui a ele sem conhecê-lo e perguntei se eu podia me candidatar a aluna dele, porque eu já tinha terminado o curso, mas a matéria dele era obrigatória para os estudantes de Composição, quem estivesse fazendo Composição, Regência e eu... não era o caso... eu tinha feito Piano... Harmonia... as matérias correlatas, de modo que naturalmente ele ficou lisonjeado, porque uma pessoa que não tinha obrigação... na primeira turma; e eu fui da primeira turma! em [19]39. Tinha até um retrato dele com essa turma lá no Museu Nacional em São Cristóvão, com essa turma. Está toda morta; eu virei peça de museu [risos].

HD: Esta foto continua lá no Museu Nacional, a senhora sabe?

MRP: Se tem lá esta foto? Eu tenho, só não sei aonde, mas sei que tenho guardada. Mas o problema é que é uma foto pequena e é um grupo grande. Tinha a Dulce Lamas, tinha a Henriqueta Rosa Fernandes Braga e... Cleofe Person de Matos, Ruth Person de Matos, estava eu, até minha mãe estava, que não era aluna, mas foi por curiosidade. Era um grupo grande.

HD: Eram mais ou menos quantos, a senhora se lembra?

MRP: Devia ter uns... mais de dez, uns doze a quinze alunos. Depois ele começou a dar aulas, mas eu acho que o aspecto mais importante, pelo menos para mim – e eu acho que para a maioria dos alunos – foi que ele despertou nos alunos o interesse pela pesquisa. Porque eu, como fui formada em Piano, tinha Música de Câmara, tinha Harmonia, mas não tinha nada de pesquisa musicológica, nada disso, e foi em parte, uma coisa, essa coisa, esse fio da meada que me levou a largar o piano e seguir... porque eu gostei da coisa, e ele, naturalmente, com isso, sentiu o meu interesse e o de Cleofe também. Conheceu Cleofe, de nome talvez?

HD: Sim, conheci...

MRP: De modo que ficamos trabalhando com ele. Nessa ocasião, ele estava ligado....



ele já estava ligado a organizações internacionais. Ele já estava ligado, naquela época à União Pan-Americana, que depois virou OEA, mas naquela época ainda era a União Pan-Americana [UPA], e tinha contato com [William]Berrien.

HD: Carleton Sprague Smith também.

MRP: Carleton Sprague Smith... bom, o Carleton, eu fui secretária dele aqui. Ele foi adido cultural aqui. Depois foi para São Paulo. Mas depois, a minha amizade com Luiz Heitor cresceu muito mais; mas enquanto o Carleton esteve aqui, inclusive, eu trabalhava no apartamento onde ele morava com a Elisabeth, a mulher dele e a Damaris.

HD: A mulher dele tocava violoncelo, por acaso a senhora se lembra?

MRP: Não...

HD: Porque Villa-Lobos tem uma obra, o *Assobio a Jato* com uma dedicatória “to Elisabeth and Carleton”. É para violoncelo e flauta.

MRP: Que eu saiba, ela não tocava... agora ele, Villa-Lobos gostava... se entendeu muito bem com o Carleton. Carleton era o tipo de pessoa que nasceu para adido cultural. Comunicativo, inteligente, falava inglês, francês, alemão, de modo que enquanto ele estava aqui, ele teve uma verdadeira plêiade de amigos intelectuais, inclusive Villa-Lobos.

HD: Luiz Heitor também...

MRP: Luiz Heitor então nem se fala... era uma época muito...rica, eu acho que até que mais rica do que... não sei....não se pode comparar....[risos].... comparar é ruim, mas em suma, isso tudo, quer dizer, as raízes da ida de Luiz Heitor para a Europa, foram essas, Willian Berrien, Charles Seeger, que dirigia a sessão de música, com quem eu trabalhei dois anos lá em Washington...

HD: Ah, a senhora trabalhou com Seeger...

MRP: Eu trabalhei com o Seeger.

HD: E o Luiz Heitor quando foi para lá também.

MRP: Também, mas desencontrou de mim, porque ele foi para lá... eu fui em... [19]47 e voltei em... [19]49, e o Luiz Heitor em [19]48 já estava indo para a Europa.

HD: Para a Unesco, não é? Para trabalhar...

MRP: É, Unesco, mas indiretamente quem o encaminhou para essas organizações internacionais, foram justamente o Carleton Smith, que dirigia a seção de música da biblioteca pública de Nova Iorque, e o Charles Seeger, que dirigia a seção de música da UPA. E foram eles dois que indicaram meu nome para trabalhar com o Seeger. Mas o que eu lamento nisso tudo, embora eu ache que Luiz Heitor foi.... teve um papel muito importante projetando a música brasileira fora do Brasil..., mas eu acho que ainda teria



feito mais pelo Brasil se tivesse ficado. O lugar dele era como diretor da Escola Nacional de Música. Agora vamos ver, eu tenho fé no André, [André Cardoso, à época recém-eleito Diretor da EM] é uma pessoa muito séria, gosto muito dele, tenho fé que ele consiga fazer uma boa gestão. Mas se o Luiz Heitor tivesse ficado aqui, ele era um homem para dirigir... ele era um homem muito sociável. Ele era uma pessoa muito cativante, ele não era uma pessoa difícil de se lidar, ele tinha amigos, todo mundo gostava dele...

HD: É, Maria Cecília [filha de Luiz Heitor] me disse isso. Ele era uma pessoa que em Paris podia pegar o telefone e ligar para qualquer pessoa...

MRP: É, todo mundo gostava dele; era aquele temperamento muito aberto, muito sincero, mas muito amigo. Quando ele me conheceu, nessa época... meu deus, quanto é que eu tinha... eu tinha 20 anos... 21 anos, sei lá...mas ele conservou a amizade. Ele foi para a Europa e eu fiquei aqui, mas eu tenho a correspondência toda com ele... correspondência na Europa com compositores... todos... Malipiero... esses modernos todos...

HD: Xenakis, o Penderecki também...

MRP: É, também, eles todos... ele tinha conhecimentos. O próprio cargo dele, chefiando a seção de música, não é? Dado o prestígio de uma organização internacional do prestígio da Unesco, e ele dedicado... ele não só fazia para fora como fazia para dentro. A casa dele, o apartamento dele era uma espécie de... ele era o adido cultural.

HD: Era esse que eu fui?

MRP: Ainda não, era César Frank não. Era Galilée, Rue Galilée, era pertinho do Arco do Triunfo; eu estive com ele... depois eu estive em César Frank, mas aí já com Violeta... isso em [19]80, acho, tanto tempo já passou... nossa mãe, quando a gente começa a pensar em tempo... Mas foi uma vida rica... uma vida rica, eu acho. Eu conheci o Almeida Prado na casa dele [Luiz Heitor] jantando... agora, faça-se justiça, Violeta contribuía, porque Violeta era uma pessoa inteligente, brilhante e que chamava... para almoçar, chamava para jantar, quer dizer, abria... campo para o Luiz Heitor. Isso não era em Paris não, já aqui! Em Cosme Velho. Na rua, se não me engano onde eles moravam, era numa casa foi aí que eu comecei a frequentar. E a Violeta sempre chamando, era Lorenzo Fernandes, era Guarnieri...

HD: Mignone...

MRP: Esse pessoal todo ia lá, pianistas, a casa vivia... era uma casa modesta, mas que vivia cheia ali... era uma verdadeira... era um grupo grande...

HD: Eles faziam música então? Lá havia, assim, um sarau também?

MRP: Era um sarau assim... Não chegava a ser propriamente sarau, era um sarau sem música, digamos, falava-se de música, mas não se fazia música.



HD: Porque o Luiz Heitor também tocava piano, era um compositor...

MRP: Era, mas não gostava que mostrasse [risos]. Mas foi uma coisa que ele deixou de lado, eu acho, porque ele se concentrou de tal forma nisso que... e era um homem muito honesto, muito correto, de modo que a pesquisa dele era séria, o trabalho dele era sério, o que ele dizia era para valer, não era para se aproveitar como a gente vê hoje em dia no Brasil, que está um descabro...a gente não sabe mais o que vale e o que não vale porque é tudo...

HD: Maria Cecília me falou muito da característica de Luiz Heitor, de ser aberto, de aceitar qualquer corrente.

MRP: Exatamente. E por isso é que seria o homem ideal para pegar a Escola de Música depois da Joanídia [Joanídia Sodré, que ocupou o cargo de Diretora da Escola Nacional de Música, de 1946 a 1967. Uma coisa que eu nunca me conformei! Eu dizia a ele... um exemplo de prodigalidade, porque afinal de contas, nós tínhamos nos conhecido há pouco tempo, quando eu fui a um congresso – eu sou bibliotecária, né? – quando eu fui a um congresso em Estocolmo e passei por Paris, avisei ao Luiz Heitor. Sabe que ele fechou a “butique” dele, como eu chamo, fechou o escritório dele para me acompanhar! Meu primeiro dia em Paris... prá mostrar a cidade, inclusive até escolheu um hotel na Rive Gauche, um hotel onde eu pudesse ficar bem alojada. Isto mostra a personalidade dele.

HD: Claro, a generosidade.

MRP: A generosidade! Um homem que estava em um posto em que ele já estava na Unesco, fechar sua “butique” para atender a uma moçoila, define bem o homem, né?

HD: Com certeza.

MRP: Define bem o homem. E trabalhando sempre, sempre escrevendo, sempre escrevendo.

HD: Tem uma grande produção.

MRP: Enorme, enorme. Aliás, quem fez o levantamento foi a Dulce [Lamas], né? A Dulce foi incansável... ela era muito amiga do Luiz Heitor, ela é que era a intermediária aqui, para a questão do dinheiro, mandar dinheiro... Todos os problemas administrativos que ele tinha, quem cuidava era a Dulce. Porque naquele tempo era uma complicação a remessa de dinheiro, porque tinha o dinheiro daqui, o ordenado dele como professor.

HD: E ele teve que voltar aqui para encerrar, não foi?

MRP: A lei o obrigou a passar uns tempos aqui.

HD: Acho que ficou um ano, não é?

MRP: Mais ou menos um ano letivo.



HD: Maria Cecília disse que nesse período ele queria voltar e que ela e a mãe é que fincaram pé, que não queriam sair de Paris.

MRP: Maria Cecília... A última vez que a vi tinha essa altura [demonstrando]... Ela devia ter uns 11 ou 12 anos, imagina. Vi depois em retratos, mas nunca mais estive com a Maria Cecília. Violeta não, porque telefonei para saber dela... Manoel [Aranha Corrêa do Lago] está sempre telefonando...

HD: Manoel telefona toda semana, parece.

MRP: Manoel é como se fosse filho dela, chama-o de Mano, Mano, Mano, não chama de Manoel e tem um xodó por ele muito grande... Manoel também é uma pessoa excepcional...

HD: É, eu estive com ele lá no escritório dele, achei uma pessoa assim.

MRP: É uma pessoa excepcional, eu nunca vi. É um homem fino. É um homem fino, bem nascido, educado, sério... agora mesmo a tese dele foi uma beleza de trabalho de pesquisa, vai ali até o fundo. Felizmente a gente tem muita gente que está fazendo isso agora, que naquela época estava engatinhando. Agora, quem não tem um mestrado pelo menos, não consegue mais nada... Eu se quisesse arranjar trabalho agora, não arranjava [risos], nem o Luiz Heitor [risos]... Não, ele defendeu tese, e imprimiu, inclusive. Mas você pega as teses contemporâneas, eu trabalhei na Biblioteca Nacional... Mas voltando ao Luiz Heitor: Luiz Heitor era... fez críticas, inclusive, mas ele era principalmente pesquisador, eu acho. Professor... muito bem, as aulas dele para mim em [19]39 foram...e foi quando eu conheci Cleofe, e conheci, quer dizer... a minha vida se orientou noutra sentida, por causa do Luiz Heitor. E isso nós mantivemos, porque depois eu fui para os Estados Unidos, fiquei lá uns dois anos e tanto com o Seeger, que era um grande amigo dele, inclusive com a Ruth Seeger, que era compositora também, segunda mulher do Seeger, quer dizer, era uma curriola...

HD: A senhora não notava que... eu tenho detectado, tenho inclusive uma carta do Luiz Heitor, datada de 1943, está lá no arquivo da Escola de Música da UFRJ, eles meio que sabotando a entrada de alunos na cadeira de folclore.

MRP: Ele sabotando!!!?

HD: Não, alguns professores da Escola criando regras e mais regras... primeiro tinha que ser só alunos de composição e não sei o quê mais... então ele se queixando que o número de alunos inscritos, desde 1941 ia diminuindo paulatinamente. Em 1943, se não me engano, tinha um só aluno, uma coisa assim.

MRP: Eu não sabia disso...! [é provável que Mercedes Reis Pequeno, a essa altura, não sendo mais aluna, não soubesse desse contexto].



HD: Tem uma carta dele lá, eu estive olhando essa carta. Eu acho que havia, até onde eu pude chegar, um certo... ele operava numa espécie de gueto, a senhora não sentia isso? O Centro de Pesquisas Folclóricas operando como uma espécie de gueto, ali na Escola de Música, voltada para a formação de músicos de concerto, sendo o folclore uma “coisa menor”.

MRP: E naturalmente o Luiz Heitor, estava noutro plano, e que tinha também um grupo que era o [Andrade] Muricy... gente que não frequentava a Escola... não entrava na Escola... de modo que eles se isolaram, praticamente. A Dulce Lamas, a Henriqueta Rosa... A Henriqueta Rosa ainda tinha um pé lá e um pé cá, mas era uma pessoa honesta, correta e amiga do Luiz Heitor. E outros nomes que assim de cabeça eu não me lembro.

HD: Porque me parece que o estudo do folclore era considerado algo de menor, dentro da Escola de Música.

MRP: Mas era obrigatório... [era obrigatório apenas no curso de composição].

HD: É, porque isso foi uma reforma que o Mário de Andrade, Sá Pereira e ...

MRP: Tanto que quando eu fui, a rigor, não poderia ter assistido. Se não houvesse essa liberdade, eu não teria assistido, eu não era aluna de composição. Posteriormente, eles começaram a cortar essa liberdade, e aí muita gente deve ter se interessado, como eu, que não era a única pessoa, e aí eles cortavam.

HD: Luiz Heitor reclama disso na carta.

MRP: Luiz Heitor não tinha temperamento para pactuar com as *consemblances* da Joanídia. Ele como bom... digamos como uma pessoa, como disse Maria Cecília, assim fácil de abordagem, ele se dava, mas uma coisa é a pessoa cumprimentar, outra coisa é ter afinidade com essa pessoa. Ele não podia ter de jeito nenhum. Não era da mentalidade dele. Mas era sempre aquela figura alegre, aquela figura... eu não precisava pedir a ele um retrato dele, ele tirava, tirou um em Colônia, eu vou lhe mostrar... não é tão bom quanto este [refere-se ao retrato do Luiz Heitor que me foi dado pela Maria Cecília], mas eu tenho no meu quarto um quadrinho... [vai buscar e retorna]. Mas a expressão é a mesma...

HD: É a mesma expressão! Isso mesmo. A mesma serenidade...

MRP: Era o temperamento dele, era uma pessoa serena e...

HD: Este é em Colônia né?

MRP: Vivo, assim, interiorizado... se não me engano, aqui está ele.

HD: É esta que eu vi [em casa de Maria Cecília].

MRP: Deixa eu ver a data disso...

HD: Era até bom eu anotar.

MRP: [19]63, Jerusalém, Não é de Colônia. Colônia [19]85.



HD: A senhora me permitiria olhar aqui atrás, eu só quero ver o tipo de letra...

MRP: Pode olhar, não tem problema.

HD: Porque tem muitas fotos...

MRP: Olha essa é de [19]47, ele estava em Nova York. Aqui está o Carleton! “Querida Mercedes, até breve, grande abraço.” Coincidência é o Carleton. Minha mãe estava viva, ele está falando da minha mãe. Ele gostava de escrever em português, para mostrar que sabia escrever em português.

HD: Parece que quando ele chega, o português dele não é tão bom, depois ele é ajudado...

MRP: É, eu traduzia. Porque ele escrevia em inglês as palestras e ele... tinha mais importância ele pegou o sotaque carioca...

HD: Ah, ele queria a musicalidade.

MRP: É, ele queria pegar o ritmo e... coincidência, os dois mandaram [no mesmo cartão postal enviado à Mercedes, escreveram Carleton e sua esposa Elizabeth] até breve, Eli... aqui está Elizabeth, e o Carleton está aqui... e aqui [outro cartão] está o Luiz Heitor... “você não acha incrível estarmos você, Egídio e eu juntos nesse país, embora sem nos vermos?” É verdade! “Aqui fica uma lembrança pelo menos, estou partindo para o México, saudades, abraços, Seeger.” Ah! É o Seeger; “como você sabe, Luiz Heitor vai controlar o mundo musical em Paris” [este é do Carleton para Mercedes] olha... em [19]47... “e o nosso Hércules moderno precisa limpar os estábulos da Unesco com a ajuda de Deus”. O Carleton era tremendo...”vou rezar pelo mesmo; que desafio interessante”. E agora vem a Elisabeth [que divide o mesmo cartão postal com o Carleton]: “E o destino da música interamericana? Você já resolveu os problemas?” Ah, porque eu ia para os EUA. Estava com problemas para me desligar do governo. Acabei indo por conta própria, porque o governo não me dava licença e eu mandei tudo às favas e saí por conta própria, como se eu fosse passear. Aqui está a assinatura do Carleton....e aqui já é a da Elisabeth; “Querida Mercedes, você está comendo e dormindo o bastante? [...ilegível...] cuidar da sua saúde [...]”. Eu não devia estar bem. “[...] aqui estou no lugar da sua mãe [...]. Porque eu já estava nos EUA. “[...] até breve, Elisabeth”.

HD: Ela escrevia em português também?!

MRP: Ah, muito mais que ele!

HD: Ah é?!

MRP: Ela era uma pessoa muito inteligente, muito culta e ela tinha assim uma participação de... Ele não, ele não se incomodava de aprofundar. [entendo que Mercedes quer dizer que Carleton não atribuía muita importância ao estudo da língua portu-



guesa]. Ele tinha uma mentalidade tremenda. Ela não, ela queria estudar, ela escrevia melhor que ele, conhecia a língua melhor que ele. Eu convivi com eles o dia inteiro, aqui na Praia do Flamengo. É isso... esses cartõezinhos... ainda bem que ficou a data aqui. Está mal, mas está [1932 e 1944].

HD: Será que eu poderia reproduzir isto aqui?

MRP: Tem máquina?

HD: Sim

MRP: Pode, pode...

HD: Que bom, então antes de sair eu vou tirar algumas fotos. [Examinamos a correspondência].

MRP: Ah. 1987.

HD: E [19]92 [este sendo um recorte de jornal].

MRP: Ainda botei uma interrogação, porque não sei se foi [inaudível]. Alguém me mandou isso [recorte de jornal] – ou foi aqui mesmo? Foi aqui no Brasil! Mas eu não datei. Ah! Eu não botei se foi *O Globo*, não sei... não sei o que foi. Ah, está aqui, olha. Fala em Dulce Lamas, sucessora na Escola [na direção do Centro de Pesquisas Folclóricas]; Mercedes Reis Pequeno, fundadora da seção de música [da Biblioteca Nacional]. [Segue trecho inaudível] doar a sua correspondência, isso mesmo! Com Mário de Andrade, Mignone e outros compositores. A correspondência dele não veio toda para cá não. Eu acho que foi lá para os Estados Unidos. Ele mandou muita coisa, mas muita coisa em relação aos franceses, mais do que aqui. Tinha uma coisa assim mais valiosa, que era uma carta de Malipiero para ele. Essa é que falava em Biblioteca Nacional. Mas o grosso foi para os EUA. Eles pegaram.

HD: Tem uma correspondência dele na Biblioteca, então...

MRP: Deve ser pouca.

HD: O IEB tem as cartas dele enviadas a Mário de Andrade...

MRP: O IEB tem?

HD: Lá em São Paulo.

MRP: Lá em São Paulo na USP. E eles lá estão com tudo organizado... aqui eu não acredito não... Eu não me lembro de ver nada. O que tem de Luiz Heitor lá, foi o que eu recebi. Inclusive eu dei uma notícia no jornal, eram mais correspondências assim de congratulações... Natal, Páscoa, muita coisa daquela professora francesa de composição.

HD: Nádía Boulanger?

MRP: Boulanger é. Muita coisa da Boulanger. Mas muita coisa de Natal, coisa formal assim – não havia nada assim, por exemplo, a não ser este do Malipiero, nada de interessante musicalmente falando. Não tinha não. É isso que está no meu escritório... essas lembranças...



HD: Não, mas é fantástico ter todas essas informações e impressões dele porque... é muito árido, não é, a gente não vai... para construir, para ter uma idéia da pessoa.

MRP: Da pessoa...

HD: Da pessoa, você tem...

MRP: Da pessoa, porque uns falam da biografia seca. Fez isso, fez aquilo, fundou isso, fundou aquilo, mas a personalidade dele...

HD: É. A Dulce Lamas, naquela publicação dos 80 anos dele, ela dá uma cronologia...

MRP: Foi uma trabalhadeira louca...

HD: É... Cita cartas dele.

MRP: Dulce era muito dedicada. Muito dedicada. Aquilo foi seu trabalho... Luiz Heitor colaborou muito. Mandando de lá. Porque Luiz Heitor colaborava. De vez em quando ele mandava livros. Coisas que ele achava que não ia mais precisar, ou mais ainda, quando ele se convenceu que não ia conseguir ficar aqui... porque ele fez tudo para voltar, mas a Violeta e a Maria Cecília... seguraram! Quando ele se convenceu que ele não teria coragem de enfrentar as duas, a verdade é essa, e mais que a Maria Cecília estava já de namoro com o que viria a ser marido dela...

HD: O [Paul] Teyssier, né? Já falecido.

MRP: Falecido... Morreu muito moço. De modo que ele viu que não podia, ele mandou a Maria Cecília para cá... Maria Cecília ficou aqui com a família Jacobina Lacombe, com os Lacombe. Passou um ano aqui. Mas não se adaptou mais... Porque ela tinha ido para lá com 12 anos.

HD: E ela, quando ela veio para cá, veio com que idade? Quando a mandaram para a família Lacombe ela estava com que idade? Se lembra?

MRP: Era [menina?] moça. Moça já. E a esperança do Luiz Heitor, que insistiu que ela viesse, é que tinha toda a família da Violeta aqui, família Lacombe, Jacobina, Casa de Rui Barbosa e tudo, a esperança era que ela encontrasse alguém aqui e casasse aqui. Porque se ela casasse aqui, Violeta até vinha... Quando ele sentiu que isso tudo não tinha mais possibilidade, ele começou a se desfazer de coisas que ele tinha deixado aqui, livros, ... principalmente livros, e mandava tudo para a biblioteca.

HD: Se lembra que data? Mais ou menos quando foi isto?

MRP: Deve ter sido na década de [19]50.

HD: Em [19]47 ele já estava na UNESCO.

MRP: Ele ia para lá... Ele ainda ia para o México e depois ia para lá..., mas já estava engajado, pelo que o Carleton diz, né... então tinha que... e quando ele veio passar aqui a temporada, que ele foi obrigado, a gente sentia...



HD: Que ele queria ficar?

MRP: É... Europa... é muito bom, Estados Unidos também é muito bom, ele teve oportunidade de ficar lá... mas viver é aqui. Viver é aqui. Com todas as piores (inaudível) ser feliz... Seeger para mim foi um pai, um professor, um chefe... tudo!!!

HD: Como é que ele era, o Seeger! O Seeger é um nome que eu também tenho uma curiosidade fantástica...

MRP: Vou lhe mostrar um bom retrato dele. Esse eu tenho no meu escritório.

HD: Eu pergunto: como pessoa, como ele era?

MRP: Ah! Era um homem de formação musicológica alemã..., mas um homem muito sério, muito trabalhador, mas muito complexo de pensamento.

HD: Ele era?

MRP: Os livros dele... eu tenho aí um volume com a coletânea de trabalhos dele. Era difícil, pois ele era metafísico... Ele tinha uma inteligência, uma coisa brilhante, brilhante mesmo.

HD: Então ele devia estar à frente da época dele...

MRP: Ah!... Quando o Charles Yves, que era um precursor, era um irmão dele [Mercedes refere-se a um laço de amizade e não de parentesco], tinha um outro, aquele..., esse era amigo mesmo... era a nata com quem ele se dava...

HD: O Lomax também, por acaso ele não conhecia?

MRP: O Lomax! O filho dele também... o Peter Seeger [filho de Charles Seeger], eram todos de esquerda... mas o Seeger não era um homem politizado como o filho era. O filho era politizado. O politizado. Ele não. Agora ele tinha uma preocupação, ele fazia questão, por exemplo, quando chegava na UPA, quando eu ia lá com ele, porque a nossa seção não funcionava no prédio da UPA, funcionava fora porque a União estava lotada. A seção de música funcionava num prédio enorme noutro local. Mas quando nós íamos na sede, por qualquer motivo, nós fazíamos questão de cumprimentar todas as pessoas de cor. Mas ele fazia questão. Aquilo era acintoso; na época havia ainda muito preconceito...

HD: Era que época?

MRP: [19]48... Eu me lembro que nós tivemos uma reunião patrocinada pela UPA e vieram representantes que não eram nem de cor negra, o preconceito é racista mesmo... porque enviavam pessoas de Porto Rico, da América Central, e quando nós tínhamos já trabalhado em reunião, quando nós saíamos para almoçar, os restaurantes, quando nós entrávamos, os porto-riquenhos, os garçons sumiam...



HD: Que coisa impressionante...!

MRP: Os garçons sumiam... Porque eles não poderiam se negar, já havia a coisa impedindo isso...

HD: A lei né?

MRP: Mas a coisa era muito densa. Nós compramos sanduíches e fomos comer no jardim, para acabar com a situação.

HD: Mas dentro da UPA não havia isso?

MRP: Não. Se havia era latente. Era uma coisa escondida. Não era nada visível, eu nunca... assim sabia que tinha muito... O... aquele que substitui o Seeger, o (Spinosa?), o colombiano..., mas ele não tinha isso... não tinha mesmo, espera um instantinho que eu vou mostrar [Mercedes foi pegar algo no escritório e retorna com sua foto]. Isso é o Seeger quando eu estava lá. Está até com a data. O Seeger, Carlos Raygadas, que era um musicólogo...

HD: Ah! o Raygadas aqui!...

MRP: Morreu moço, moço. Com dedicatória do Raygadas.

HD: Carlos Raygadas, é!

MRP: Quarenta... e sete, né?

HD: Quarenta e oito.

MRP: Quarenta e oito, ele estava como... porque o Seeger convidava. Assim, como convidou o Luiz Heitor, convidou o Curt Lange, para ficarem como consultores, seis meses. E aí ele estabelecia contato com a América-Latina toda, né? Era uma norma dele. E aqui ele já... [outra foto do Seeger mais velho, de barba].

HD: Olha que figura!...

MRP: Ah! Quando ele me mandou esse retrato, eu disse; você está parecendo um retrato de Rembrandt.

HD: É... exatamente!

MRP: Não é uma beleza [risos]? É uma beleza, ele era faceiro. Repare o detalhe dele, de gola, da echarpe, do cachecol e do coisa... Mas ele era um simplório. Era um simplório! Sentava no chão, na lareira da casa dele com os meninos cantando, todo mundo cantava, tocava violão... Pegava o violão, começava a cantar, os meninos, todos pequeninos ainda... Foi uma temporada e tanto...

HD: Puxa vida, a senhora conviveu com essas pessoas...

MRP: Foi... É o que eu digo, quem não tem passado, quem não tem lembrança disso...

HD: Mas que lembranças também! São figuras...

MRP: É... foi sorte. Mas isso, esse contato foi indiretamente pelo Carleton e pelo Luiz Heitor. Foram os dois que indicaram meu nome para eu trabalhar com o Seeger. O Seeger pediu uma indicação de uma brasileira, quer dizer, foi o meu...



HD: Foram os dois então... foram os dois lados por unanimidade!

MRP: Agora acontece que o Carleton, depois eu vi nos EUA esporadicamente. O Seeger não, o Seeger eu convivia, fim de semana eu passava na casa dele... Ele já estava surdo, né! [risos].

HD: É?!

MRP: Totalmente surdo! Ele usava um aparelhinho aqui [apontando] na época não tinha esses aparelhos, tinha um no bolso, e aqui ficava a coisa que ele graduava... mas ele não ia a concertos. Ele não gostava... Eu me lembro de uma expressão dele quando saíram, quando eu estava quase vindo para o Brasil, saíram os LPs, Long Plays [os primeiros discos em alta-fidelidade]. Ele ouviu o primeiro LP e disse. Ahhhhh! Agora é música!!!

HD: Porque antes era só rotação 78...

MRP: É, 78..., ele tinha umas... e quando ele era obrigado a ir a esses concertos, porque eram concertos patrocinados pela seção de música... política... o embaixador da Colômbia queria que a pianista colombiana tocasse... coisas assim... Ele tinha que ir. Eu ia também. Ele botava o negócio aqui e quando chegava lá, ele desligava.

HD: Não diga!...

MRP: Ele desligava! Ninguém sabia disso, mas ele chegava e ficava... A cabeça dele estava sempre trabalhando... sempre trabalhando. E era muito amigo do Luiz Heitor. Gostava muito do Luiz Heitor. Era uma amizade assim... era uma amizade bonita. De respeito mútuo e... com problemas, com problemas. Assim como Luiz Heitor teve problemas na Escola de Música, Seeger teve problemas na UPA.

HD: Ah! Não brinca! É?!

MRP: Ih! Seríssimos... politicada!

HD: Mas não era assim de ideologia, era politicagem...?

MRP: Era, como se diz, olho grande no pago dele.

HD: Ah! Esse tipo de coisa...

MRP: Esse tipo... O Spinosa foi um... tanto que ele acabou se... pedindo demissão.

HD: Por causas dessas conjunções?

MRP: Acabou pedindo demissão... eu tenho aí, toda a correspondência dele que eu quero até mandar para o filho dele... o neto dele, o Anthony Seeger, que trabalhava aqui no Museu Nacional... Aliás, há muito tempo que não o vejo. Porque é uma correspondência que eu acho que acrescenta alguma coisa à vida do Seeger. Acaba que pulei para o Seeger...

HD: Não, fui eu que perguntei...

[Pausa...]



HD: Mas eu também lhe vi muitas vezes quando fui pesquisar lá na biblioteca.

MRP: Lá no Ministério? Na seção de música? No tempo que eu estava lá?

HD: Sim, acho que sim...

MRP: Bom eu saí de lá com 70... e, [19]90! Que é isso? [Mercedes se aposentou em 1990, pela aposentadoria “expulsória”, como ela mesmo definiu, em conversa posterior.]

HD: Eu topei com a figura do Luiz Heitor assim... Eu fui trabalhar com o Samuel [Araújo, professor doutor de etnomusicologia da Escola de Música da UFRJ], fazer mestrado na Escola de Música. Eu fui fazer em musicologia. Também é por isso que eu me identifiquei com essa trajetória. Eu também fiz bacharelado em violoncelo lá, então era um instrumentista. Aí fui fazer musicologia com o Samuel e ele me abriu para outra... a mesma trajetória que a senhora descreve para o Luiz Heitor...

MRP: [risos].

HD: Eu falei com o Samuel... você me deu uma chacoalhada... eu topei nas pesquisas com esse arquivo do Luiz Heitor e comecei a ficar interessado na figura do Luiz Heitor, com o personagem, com ele...

MRP: Eu não sei o tipo de contato que o Samuel teve com o Luiz Heitor...

HD: Eu não sei... eu acho que não teve não... Eu acho que o Samuel estava nos EUA fazendo...

MRP: Se teve, foi pouco...

HD: Eu não sei...

MRP: Porque não coincidiu...

HD: Não coincidiu... é... mas Samuel tem o maior apreço por aquele arquivo ali.

MRP: E ele está dirigindo o Centro não é?

HD: Sim. E agora eles estão pegando tudo aquilo e digitalizando. Porque tinha cópia daquelas quatro viagens que o Luiz Heitor fez pelo interior na década de [19]40; ele fez Goiás, Ceará, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O Lomax é que teria que vir...

MRP: O Lomax é que dirigiu o arquivo lá...[refere-se a Library of Congress]

HD: O Lomax é que viria, mas aí houve a guerra, e foi impossível para o Lomax fazer essas expedições e aí o Harold Spivacke convidou o Luiz Heitor. O Luiz Heitor fez essas três, [Goiás, Ceará, Minas Gerais] mas patrocinado...

MRP: Ele recebeu a parafernália toda...

HD: Ele recebeu, na verdade, isso é que eu fiquei... eu tenho uma carta do Luiz Heitor fascinado com a aparelhagem que o Lomax dispunha.

MRP: Imagina!...

HD: Que era uma caminhonete com aparelhos de gravação e cabos, ele gravava e já mixava aquilo na hora.



MRP: Veja, o Luiz Heitor da noite para o dia metido num negócio desses...

HD: Aí o Luiz Heitor que não havia feito ainda esse tipo de trabalho de campo, vem fazer porque o Lomax não pode. Aí eles dão um gravador para ele, um PRESTO e outro é emprestado pela Escola de Música.

MRP: Ehhh...!

HD: Acho que dão a ele o equivalente a vinte contos de réis, uma coisa assim...

MRP: Foi uma verdadeira África...

HD: E nessas circunstâncias heroicas ele vai e faz esse registro todo; e aquilo ficou em discos de base de alumínio e de vidro, porque o gravador gravava diretamente no disco. Agora é que o pessoal conseguiu passar para fita cassete. A Rosa Zamith esteve lá também, depois... agora é que o Samuel está conseguindo passar, digitalizar para CD. Então eu topei com esse arquivo lá, fiquei interessado inclusive nas fotos. Por isso que insisti em ver a caligrafia do Luiz Heitor [no verso das fotos] porque há muitas fotos que têm coisa escrita atrás, que eu não tinha certeza se era dele [nas fotos do arquivo], se foi ele que bateu. Agora eu estou vendo... porque inclusive a Maria Cecília me disse que o Luiz Heitor não gostava muito de escrever à mão [quando se reportando a outros]. Ele datilografava, ele fazia mais datilografando.

MRP: Isso é verdade, porque tudo o que eu tenho dele é datilografado.

HD: Porque ele dizia, que não queria obrigar os outros a ler a sua caligrafia. Eu vou então bater estas fotos. [Reproduzo frente e verso de alguns cartões postais].

MRP: Se precisar de alguma coisa diga...

[Sigo batendo fotos]

HD: Eu bati uma foto de uma foto que Maria Cecília tinha lá... [no seu apartamento em Paris] do Luiz Heitor, em frente à Escola de Música, com uma conferência [cartaz] sobre ele. A placa tinha o nome da Dulce Lamas, mas o Flash ficou assim de banda, distorceu e eu não consegui ver quase nada...

[Batendo fotos de cartões postais]

HD: Posso usar essa mesinha para apoiar.

MRP: Conseguiu fazer as fotos?

HD: Consegui. A senhora não precisa de óculos para ler não?

MRP: Uso! [Mostro as fotos no display da câmara para Mercedes] Ah! Mas já estão aí as fotos? Isso é uma coisa maravilhosa!...

HD: Ah! Tem aquela do Seeger! Posso bater também?

MRP: Pode!

[Mercedes pega a foto que está no porta-retratos e retira para fotografar, sem reflexo no vidro...]



HD: Tem aqui, olha [no verso da foto], querida Mercedes, é dele não?

MRP: É dele. É do Regadas... Isso foi um cartão dele lá do Peru... Olha... “Lima, 1949”; eu já tinha ido embora... [dos EUA].

[Sigo tirando mais fotografias]

MRP: Essa aqui é a Eleonora, filha dele [acho que essa é do Seeger], quem escreveu foi ela...

HD: Ah! Tem a outra também, da cabeça do profeta [um postal do Seeger, retrato em que ele parece um profeta]. Nossa, o fotógrafo também é muito bom.

MRP: Uma beleza, parece um quadro do Rembrandt...

HD: Ficou boa. [mostrando a reprodução da foto a Mercedes]

MRP: Ficou ótima!

HD: Bem, Dona Mercedes... essa seção de perguntas foi também uma recordação, não?

MRP: Você não quer tomar um cafezinho não?

HD: Aceito sim, se não for dar muito trabalho...

MRP: O tema do seu trabalho é...

HD: O ponto central é a figura do Luiz Heitor. Eu estou trabalhando neste recorte temporal, porque é um período menos conhecido, que é o dessas viagens, anterior à ida dele para Unesco. Quando ele vai para os EUA, ele ainda volta e faz as viagens. Esta aqui é do Rio Grande do Sul, acho que ele fez uma palestra lá, na Sociedade [Sul] Rio Grandense.

MRP: Não, não, não é no Rio Grande, é em Curitiba... Brasília Itiberê, o célebre Brasília Itiberê. [Após tomar o cafezinho gentilmente trazido por dona Mercedes, despeço-me agradecendo a sua atenção e disponibilidade].

HENRIQUE DRACH é violoncelista da Orquestra Sinfônica Nacional da Universidade Federal Fluminense, tendo anteriormente integrado a Orquestra Sinfônica Brasileira e a Orquestra Pró-Música. Atuou também como camerista em conjuntos como Sonata da Câmara entre outros. É graduado em violoncelo pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Música pela mesma instituição e Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.